

CONHECER O MISTÉRIO

Site: <http://conheceromisterio.com>
 Email: editores@conheceromisterio.com

FEVEREIRO 2011 - NÚMERO 6



Editorial

No quinto boletim do "Conhecer o Mistério" partilhamos o último artigo de uma série de três artigos sobre a Cruz de Cristo. Apresentamos também um artigo sobre a Igreja local e a sua importância para o crente. Continuamos também com o nosso estudo na Epístola aos Romanos, e outro estudo sobre a Verdadeira Espiritualidade.

Daniel C., Daniel F., David C., Marcos R. e Tiago R.

✠ Conhecer o Mistério ✠

"... A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou; para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos Céus, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor". Efésios 3:8-11

INTRODUÇÃO

Quando pensamos no esforço, na dedicação e nas lágrimas de Paulo em relação ao estabelecimento e confirmação das Igrejas locais durante o seu ministério, compreendemos que Deus dá grande importância à Igreja local. Esta deve ser estimada pelos seus membros, pois é "lugar" de convívio e comunhão. Mas ainda mais importante é que haja na Igreja local um ensino são, de acordo com a revelação dada por Cristo

glorificado ao apóstolo Paulo. De outra forma os crentes não terão a sua fé alimentada com aquilo que é saudável e nutritivo. Infelizmente há ensinadores que evitam dar o devido destaque aos ensinamentos que o Senhor deu a Paulo, pois temem melindrar a sua audiência. Sabemos que a mensagem da Cruz é escândalo para muitos, mas não nos devemos envergonhar de a anunciar, pois era nela que Paulo se gloriava.

Índice

Para este sexto número seleccionámos os seguintes artigos, que esperamos ser de edificação para todos os leitores:

Epístola aos Romanos, Capítulo 5 - *Página 2*
 Verdadeira Espiritualidade, Capítulo 4 - *Página 9*
 A Pregação da Cruz - *Página 14*
 A Importância da Igreja Local - *Página 20*

Epístola aos Romanos - Capítulo 5

Chegando ao capítulo 5 da epístola aos Romanos, o Apóstolo Paulo continua com a exposição sobre a justificação pela fé. Como vimos nos estudos dos capítulos anteriores, Paulo demonstra que a justificação do homem só pode ser alcançada pela fé, e não depende da moralidade ou posição, da lei dada por Moisés ou do cumprimento de rituais religiosos como a circuncisão. Agora, no início deste capítulo, Paulo enumera uma série de bênçãos que aquele que é justificado tem ao seu alcance.

PAZ COM DEUS

No versículo 1 lemos que, quando somos justificados pela fé, alcançamos (temos) paz com Deus. Antes de sermos justificados, pairava sobre nós o juízo de Deus, por causa dos nossos pecados.

Agora, tal barreira entre nós e Deus foi removida, com base no sacrifício de Jesus Cristo na cruz, tal como lemos em Colossenses 1:20: “havendo por ele (Cristo) feito a paz, pelo sangue da sua cruz”.

Agora não mais tememos o juízo de Deus sobre nós, os justificados pelo sangue de Cristo, pois somos declarados justos diante de Deus, não porque o somos pelas nossas obras ou carácter, mas unicamente com base no sacrifício de Cristo na cruz.

Esta é uma paz que está ao nosso alcance dia após dia na nossa vida. É possível deixarmos de gozar tal paz, quando deixamos a culpa, a dúvida, ou ensinamentos errados que negam a certeza da salvação entrar nas nossas mentes. Mas tal não anula a paz que Deus nos concede. Está sempre ao nosso alcance, concedida livremente e abundantemente por Deus.

ACESSO (“ENTRADA”) A DEUS

No versículo 2, Paulo explica que para além da paz que agora temos com Deus, também temos “entrada, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes”. Por outras palavras, temos acesso directo a Deus, sem nenhuma barreira ou véu entre nós e Deus. Temos acesso pleno à graça de Deus que nos salvou, em cada dia das nossas vidas.

No tempo em que vivemos, tomamos por garantido este acesso a Deus, mas se olharmos para os tempos passados, de Moisés e dos profetas, certamente iremos dar muito mais valor a esta bênção que agora temos em Cristo.

Quando a Lei foi dada ao povo de Israel através de Moisés, Deus avisou várias vezes Moisés para impedir o povo de aproximar-se do monte Sinai, para que não morressem (Êxodo 19:12-13, 21, 24). Quando Deus ordenou que construíssem o tabernáculo, um véu deveria ser colocado a separar o povo, inclusive os sacerdotes, da presença de Deus. O próprio sumo sacerdote só podia entrar no santuário (separado pelo véu) uma vez por ano, seguindo uma série muito específica de passos preparatórios (Levítico 16).

Quando o templo foi construído, também existia um véu separando o lugar “santo dos santos”, podendo aceder a esse lugar apenas o sumo sacerdote uma vez por ano.

Lemos que quando Cristo expirou na Cruz, o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo (Mateus 27:51). Isto simbolizava que com a morte de Cristo o homem podia agora ter acesso livre e directo à presença de Deus, apesar de tal só ser mais tarde revelado e explicado por Paulo.

Agora, neste tempo da dispensação da graça, o crente salvo por Cristo tem livre acesso à presença de Deus, algo que antes era completamente impossível. Agora até somos encorajados a chegarmos-nos “com confiança ao trono da graça” (Hebreus 4:16).

Convém atentarmos também para a diferença entre “propiciatório” e “trono da graça”.

No tabernáculo e no templo, o sumo sacerdote só tinha acesso ao lugar santo dos santos uma vez por ano, onde Deus se apresentava sobre o propiciatório. O propiciatório era uma placa de ouro sólida que cobria a arca onde estavam as tábuas da lei. “Propiciatório” significa “o lugar onde a propiciação é efectuada”. E propiciação significa apaziguar ou aplacar a ira de alguém irado. Por vezes o termo original no grego é frequentemente traduzido por misericórdia.

Assim no passado, o homem (na figura do sumo sacerdote) e Deus encontravam-se uma vez por ano, estando Deus sobre uma “tábua de misericórdia”. Mas agora, nesta dispensação, o crente salvo é convidado e encorajado a chegar-se em qualquer momento ao trono da graça de Deus. Que diferença abismal!

GLORiar-SE NA ESPERANÇA DA GLÓRIA DE DEUS

Tal como lemos em Romanos 3:23, após a queda de Adão todo o homem se encontra “destituído” da glória de Deus. Quando Deus criou o homem, vestiu-o de dignidade e glória, sem mancha ou pecado, ou algo de que se pudesse envergonhar. Mas por causa do pecado, todo o homem caiu desta posição, para uma de humilhação. O homem não consegue se libertar do ciclo infundável de pecados na sua vida, trazendo-lhe muitas vezes consequências verdadeiramente humilhantes.

Mas o crente pode regozijar-se triunfantemente na antecipação da glória de Deus, uma das consequências da justificação pela fé. Mais à frente nesta epístola lemos: “e aos que justificou, a estes também glorificou” (Romanos 8:30), e em Colossenses 1:27 lemos que “aos quais [santos] Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória”.

Ao homem perdido, espera-lhe após a morte o julgamento, a vergonha e o remorso, mas o homem justificado possui a esperança da glória de Deus.

GLORiar-SE NAS TRIBULAÇÕES

Pode parecer-nos no mínimo estranho que, ao chegarmos ao versículo 3, Paulo afirme que assim como nos regozijamos na esperança da glória de Deus, também nos podemos (e devemos) regozijar nas tribulações, como uma das bênçãos que possui aquele que é justificado por Deus segundo a fé.

O descrente não compreende a razão de a vida ter naturalmente tribulações e dificuldades, variando de frequência e intensidade por pessoa. O crente justificado sofre ainda outro tipo de tribulações, nomeadamente pela sua fidelidade ao evangelho, sejam perseguições, abandono de família e amigos, incompreensão, discriminação, etc.. Mas agora o crente pode regozijar-se nas tribulações, por causa das coisas que resultam de ele passar por elas: “a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança” (Romanos 5:3-4).

O AMOR DE DEUS EM NOSSOS CORAÇÕES

A esperança (a antecipação de coisas melhores no porvir) que resulta da experiência (esta gerada pela paciência obtida ao suportar as tribulações) não é algo vão ou ilusório. Isto porque no meio das tribulações o amor de Deus é derramado continuamente nos nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado no momento da nossa justificação.

Esta “esperança não nos traz confusão”, isto é, não nos vai enganar, envergonhar ou deixar frustrado, como muitas “esperanças” que podemos encontrar nesta vida. E esta é a esperança de que as tribulações não são um sofrimento em vão, pela dificuldade natural da vida ou por injustiças, mas na verdade operam transformação em nós, tendo sempre o amor de Deus nos nossos corações durante todo o processo.

UMA PERSPECTIVA PESSOAL

(FRAQUEZA, PECADO, INIMIZADE DO HOMEM)

Nos versículos 6 a 11, o apóstolo Paulo apresenta uma progressão digna de atenção. Ele aborda a solução que Deus preparou como resposta à fraqueza, ao pecado e à inimizade do homem para com Deus. Começemos então por considerar o primeiro passo.

1) - “ESTANDO NÓS AINDA FRACOS” (v. 6)

Paulo apresentou-nos nos capítulos anteriores a verdadeira condição do homem, que não consegue sair do estado decaído em que se encontra, que não consegue resistir às suas paixões malignas e que não consegue evitar as consequências do seu pecado. Na verdade, o homem encontra-se num estado de “fraqueza”, no seu estado natural, longe de Deus.

Não é apenas espiritualmente que o homem se encontra num estado de fraqueza, mas também fisicamente. Basta recordarmo-nos de quão fracos se revelam os nossos corpos, como nos afectam o cansaço diário, a doença, e em último lugar, a morte.

Encontrando-se o homem em tal situação de desespero, Cristo morreu na cruz pelos “ímpios”, pela graça de Deus. A palavra “ímpios” não se encontra por acaso neste versículo (v. 6). Cristo morreu por aqueles homens que reconhecem o verdadeiro estado de impiedade em que vivem. Normalmente o homem gosta de sentir-se bem consigo mesmo, de se ter em alta estima, mas a provisão que Cristo fez, morrendo na cruz, só lhe aproveita quando reconhece que não passa de “ímpio” e de que na sua fraqueza humana, nada pode fazer para sair da sua condição, a não ser confiar e aceitar a provisão feita por Cristo.

No versículo 7, vemos como a graça de Deus é completamente diferente da graça humana. Durante a história da humanidade, e mesmo actualmente, há pessoas que sacrificam as suas vidas para salvar a vida de alguém que eles tem em alta estima, alguém “bom”, justo e digno de tal sacrifício. Mas na verdade, Cristo sacrificou a sua vida quando nós éramos “ímpios”, quando mesmo a olhos humanos tal não merecíamos, quando éramos indignos de tal sacrifício.

2) - “SENDO NÓS AINDA PECADORES” (v. 8)

No primeiro passo encontrámos o homem na sua fraqueza, nada podendo fazer para sair da sua condição, mas agora no versículo 8, no segundo passo, encontramos o homem no seu pecado.

Como vimos nos capítulos anteriores, a justa retribuição do pecado do homem é a condenação por Deus. “Mas”, Deus preparou a redenção para o homem, por Cristo, que morreu na cruz, revelando o amor que Deus tem por nós, e isto quando nós éramos pecadores. Cristo não morreu por nós por ter visto uma réstia de bondade, piedade ou esperança em nós. Não! Foi quando nós éramos pecadores. Assim sendo, a redenção que Deus preparou só alcança aqueles que reconhecem a sua verdadeira condição de pecadores. Aqueles que tal não reconhecem e se acham pessoas bondosas, piedosas ou justas (pois acham que nunca fizeram grandes males), rejeitam o precioso dom de Deus, Cristo, e insultam o amor que Deus revelou por nós.

Como lemos no versículos 9, aqueles que foram justificados pelo sangue de Cristo, quando ainda eram pecadores, encontram-se livres da ira que Deus um dia trará sobre todos os homens: a justa condenação pelos seus pecados.

3) - “SENDO INIMIGOS” (v. 10)

Chegamos agora ao terceiro passo, o de maior gravidade, a inimizade do homem para com Deus. Não somente nos encontramos fracos, em pecado diante de Deus, mas também revelamos ser seus inimigos.

Mas podemos argumentar que mesmo presentemente o homem religioso busca agradar a Deus, que nunca se rebelou contra Ele, nunca imaginando sequer que revela inimizade contra Deus. Mas ao desprezar Cristo, e buscando agradar a Deus à sua maneira, o homem revela desprezo pelo sacrifício de Cristo, e rebela-se contra Deus, tentando comprar o Seu favor com os seus próprios esforços.

Mas ainda assim neste estado de inimizade por parte do homem, Deus buscou a reconciliação com o homem, pela morte de Cristo na cruz. E agora que estamos reconciliados com Deus, seremos salvos da condenação do pecado, pela vida que Cristo derramou na Cruz. E mais, como vemos no versículo 11, não somente temos a salvação de pecados, mas temos a reconciliação com Deus, que derrama o seu amor em nossos corações, pelo Espírito Santo, tal como vimos no versículo 5.

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Depois de o apóstolo Paulo se ter referido por três vezes ao homem como raça humana (“nós”, nos versículos 6, 8 e 10, ele considera agora uma perspectiva histórica, referindo três personagens: Adão, Moisés e Cristo. É extraordinária a harmonia que existe entre estes versículos e os anteriores (6-11). Ora observemos:

- De Adão a Moisés, temos o reino da morte (“a morte reinou”, v. 14) por Adão, em contraste com “estando nós ainda fracos” (v. 6);
- De Moisés a Cristo, temos o reino do pecado pela lei (v. 20), em contraste com “sendo nós ainda pecadores” (v. 8);
- De Cristo ao presente temos o reino da graça por Cristo (v. 21), em contraste com “nós, sendo inimigos” (v. 10).

É importante dizer que nas menções a estas três personagens, Paulo refere-se

- a Adão, não na sua criação, mas após a queda;
- a Moisés, não no seu nascimento, mas quando ele recebeu a Lei no Monte Sinai;
- a Cristo, não no seu nascimento ou ministério terreno, mas sim na sua exaltação no Céu, tal como Ele é apresentado em Hebreus 2:9.

Consideremos então em detalhe estes três reinos: da morte, do pecado e da graça.

1) O REINO DA MORTE POR ADÃO

No período de Adão a Moisés (até à Lei) não existia a Lei ainda; esta ainda não tinha sido dada por Deus (v. 13). Mas durante este período, “a morte passou a todos os homens” (v. 12), não porque a Lei os condenasse à morte, mas simplesmente por serem da descendência de Adão (decaído) e de a sua natureza, herança de Adão, ser depravada.

O pecado entrou no mundo por um único homem, Adão, e assim a morte (consequência do pecado), “passou a todos os homens, por que todos pecaram” (v. 12). Toda a descendência de Adão, todo o homem, esteve em Adão quando ele pecou. Não nos conseguimos dissociar de Adão, pois todo o homem vem de Adão. Assim a morte caiu sobre todos os homens, pela natureza que herdaram de Adão, mesmo sobre aqueles que não pecaram da mesma forma que Adão (v. 14). Na verdade, “todos pecaram” (Romanos 3:23).

Daí a comparação deste período com a expressão do versículo 6, “estando nós ainda fracos”. Durante todo este período, não existia a Lei para condenar os pecadores à morte. Mas mesmo sem a Lei, os homens morriam, pois o pecado na sua natureza corrompe o homem, e finalmente o destrói, com a morte. Basta considerarmos a primeira genealogia apresentada na Bíblia (Gênesis 11). Mesmo aqueles que viveram muitas centenas de anos acabaram por sucumbir à morte. Na verdade, a morte passou a todo o homem.

Apesar desta realidade, durante este período houve alguns que foram salvos e aceites por Deus. Lembramo-nos de Abel, Enoque, Noé e Abraão. Como podem ter sido salvos? Porque colocaram a sua fé naquilo que Deus lhes disse. É claro que foi com base na obra da redenção de Cristo feita na cruz, realizada mais tarde (“estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (v. 6)), tal como já tínhamos visto no capítulo 3, “para demonstrar a Sua justiça, pela remissão dos pecados dantes cometidos sob a paciência de Deus”.

Vemos no fim do versículo 14 que Adão é “figura daquele que havia de vir”, Cristo, no tocante a que Abraão como progenitor da raça humana, passou a sua natureza decaída a todo o homem. Cristo, ao morrer na cruz, é agora progenitor de todos aqueles que redimiu pela sua morte, passando agora uma nova natureza a todos eles.

Mas a comparação fica por aqui, tal como vemos nos versículos 15 e 16. A graça de Deus é muito mais do que o restaurar da condição do homem antes do pecado ter dado entrada, mais do que trazer o homem de volta à posição que Adão se encontrava antes de pecar.

Por Adão, pelo seu pecado, a morte passou a todos os homens (“a morte reinou por esse”, v. 17), mas por Cristo a vida abunda naqueles que receberam o dom que Ele preparou na cruz. E como vemos no versículo 18, por um único pecado de Adão (“por uma só ofensa” - desobediência, v. 19), o juízo caiu sobre todos os homens: a morte. Mas pela morte de Cristo na cruz, apresentando propiciação pelo nosso pecado, fazendo justiça por nós (“por um só acto de justiça” - obediência), a graça de Deus e a justificação caíram sobre todos os que recebem tal propiciação como tendo sido por si.

2) O REINO DO PECADO PELA LEI

“Veio porém a Lei para que a ofensa abundasse...”

Com Moisés, pela Lei que Deus lhe confiou, durante todo esse período (dispensação da Lei), a Lei revelava o pecado no homem e trazia condenação sobre ele.

Como que num aparte, é importante referir que este período começou com a Lei a ser dada por Deus, por intermédio de Moisés (“revelada por Moisés”), até a graça de Deus ser revelada pelo Senhor Jesus Cristo glorificado na glória (e não durante o seu ministério terreno), por intermédio de Paulo. É verdade que a Lei foi abolida na cruz, mas só mais tarde isso revelado por Paulo, pois vemos os crentes de Pentecostes em Actos ainda a seguir a Lei. Durante a dispensação da Lei, o pecado reinou (v. 21), trazendo (a Lei) a condenação sobre o homem.

Como terão sido salvos homens como Moisés, Aarão, David e Daniel, entre outros crentes do “Velho Testamento”? “Sendo nós ainda pecadores... Cristo morreu por nós” (v. 8). Eles não sabiam nem podiam compreender tal, pois ainda não tinha sido revelado. Mas como vimos anteriormente, eles encontravam a paz de Deus quando confiavam no que Deus dizia nesse tempo, o que Deus requeria na dispensação da Lei (Gálatas 3:23).

3) O REINO DA GRAÇA POR CRISTO

“Superabundou a graça... a graça reinou pela justiça, para a vida eterna por Jesus Cristo, nosso Senhor” (v. 20-21).

Consideremos o que C. R. Stam escreve acerca destes dois versículos, no seu comentário à epístola a Romanos.

O pecado tinha certamente chegado ao seu auge durante os primeiros anos de Paulo. Cristo tinha sido crucificado e mesmo depois da Sua ressurreição os Seus inimigos continuam vivos após tal obra terrível. Israel juntou-se aos Gentios declarando guerra a Deus e ao Seu Filho ungido (Salmos 2:1-3) e Saulo de Tarso era o líder de tal revolta. Não era mais apenas uma questão de pecado; agora era rebelião.

O ódio de Saulo para com Cristo não tinha limites. Lucas escreve: “E Saulo assolava a Igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os cerrava na prisão” (Actos 8:3). Os santos em Damasco disseram: “Não é este o que, em Jerusalém, perseguia os que invocavam este nome, e para isso veio aqui, para os levar presos aos principais dos sacerdotes?” (Actos 9:21). Aos crentes da Galácia, o apóstolo escreveu ele próprio: “... como sobremaneira perseguia a Igreja de Deus e a assolava” (Gálatas 1:13).

“Mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça...” (v. 20)

Encontrando-se Saulo “enfurecido demasiadamente contra” os discípulos, “até nas cidades estranhas os” perseguindo (Actos 26:11), Deus entrou em cena para intervir. A caminho de Damasco, “respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor” (Actos 9:1), ele foi impedido no seu caminho e salvo por aquele que ele tão ferozmente perseguia.

Certamente Deus respondeu ao abundante pecado do homem com a Sua superabundante graça! Não surpreende que o apóstolo Paulo tenha escrito: “E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo. Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (I Timóteo 1:14-15).

Ainda mais significativo é o que o apóstolo escreve a seguir: “Mas, por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna” (I Timóteo 1:16).

Assim Paulo que até antes tinha sido o líder da perseguição contra Cristo, a personificação da inimizade que existia entre Deus e o homem, não só se tornou agora arauto, mas o exemplo vivo da superabundante graça de Deus, gastando a sua vida para proclamar aos outros “o evangelho da graça de Deus” (Actos 20:24).

Assim também podemos ligar este período com a expressão “nós, sendo inimigos, fomos reconciliados” (v. 10). Aqui também surge a questão de como é que alguém como Paulo pode ser salvo neste período, alguém que perseguia implacavelmente os discípulos e a igreja? Somente com base na morte de Cristo por nós (“pela morte do Seu Filho” - v. 10). Aplicando a cada um de nós, podemos ler em Colossenses 1:21-22:

“A vós, também, que noutro tempo éreis estranhos e inimigos no entendimento, pelas vossas obras más, agora contudo, vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para perante Ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis.”

(por David Costa)

Verdadeira Espiritualidade - Capítulo 4

A NOVA CRIAÇÃO

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura [criação] é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (II Coríntios 5:17).

TUDO SE FEZ NOVO

A estima pela verdade contida nesta passagem será uma das maiores ajudas possíveis para o crente que deseja viver uma vida verdadeiramente espiritual.

Considerámos até agora o nascimento e a ressurreição para descrever a transmissão de vida aos crentes pelo Espírito, mas mesmo estes dois conceitos não conseguem descrever a verdade de forma plena. Um terceiro conceito, o da criação, deve ser acrescentado de forma a completar a descrição.

Tal como com o novo nascimento e a ressurreição, o termo criação também é usado com mais do que um sentido. É usado, por exemplo, em relação aos novos céus e à nova terra (Isaías 65:17). Há também um sentido geral, no qual o salvo, em qualquer época, pode ser considerado nova criação, e ainda um sentido mais particular em que o futuro Israel remido é chamado nova criação (Salmos 102:16-18; Isaías 65:18); mas como com os outros dois termos considerados anteriormente, é dado a este termo um significado único na grande revelação dada a Paulo relativamente a Cristo e os membros do Seu Corpo. De facto, é apenas Paulo que, pelo Espírito, usa a expressão exacta “nova criatura”, e exclusivamente em relação a este assunto.

A NOVA CRIAÇÃO É O CORPO DE CRISTO

A versão que costumamos utilizar, Almeida Revista e Corrigida, não traduz, na nossa opinião, da melhor forma esta passagem de II Coríntios 5:17. A ideia desta passagem não é apenas de que os crentes em Cristo se tornaram individualmente novas criaturas (embora isso também seja verdade), mas que eles agora pertencem a uma gloriosa e nova criação que Deus trouxe à existência em Cristo. Da mesma forma, a segunda parte do versículo não significa apenas que os velhos hábitos pecaminosos “passaram” na vida do crente em particular, para serem substituídos pelo novo modo de viver (embora isto possa, ou deva, ser verdade), mas que com a formação da nova criação uma ordem (ou programa) completamente nova foi introduzida.

Fica claro que este é o significado correcto desta passagem quando temos em conta as observações de Paulo em relação à nova criação, e também o contexto de II Coríntios 5, em particular o versículo anterior:

“Assim que, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo, agora, já O não conhecemos desse modo” (v. 16).

Toda a passagem de II Coríntios 5 tem que ver com conhecermos Cristo daqui por diante de uma forma nova e diferente, não mais segundo a carne, mas como Cabeça de uma nova criação, e com conhecer os homens, não mais segundo a carne, mas como pertencendo ou à velha criação ou à nova criação em Cristo.

A epístola aos Efésios tem muito a dizer sobre esta importante verdade. Depois de nos lembrar, em Efésios 2:11-12, que como gentios éramos estranhos para com Deus e o Seu povo de concerto, ele continua, dizendo:

“Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto. Porque Ele é a nossa paz, O qual de ambos os povos [judeus e gentios] fez um; e, derribando a parede de separação que estava no meio... para criar em Si Mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz” (Efésios 2:13-15).

No terceiro capítulo, o apóstolo, proclamando a revelação que “noutros tempos não foi manifestada”, afirma que agora os crentes gentios...

“... são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho” (Efésios 3:6).

Esta “nova criação”, este “novo homem”, este “mesmo corpo”, formado de judeus e gentios feitos um em Cristo, é chamado “o Seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Efésios 1:23).

A NOVA CRIAÇÃO, CONTRAPARTIDA DA VELHA

A nova criação de Deus em Cristo é a contrapartida da criação do Adão de Génesis 5:2. Antes de Deus dar a mulher ao homem, o seu nome foi Adão (Génesis 2:18-20). Depois Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, tomou uma das suas costelas, formou dela uma mulher e deu-a de volta ao homem para serem “ambos uma carne”. “Macho e fêmea os criou, e os abençoou; e chamou o seu nome Adão” (Génesis 5:2).

Da mesma forma, a Igreja que é o Corpo de Cristo foi formada através da Sua morte e tomada do seu lado ferido, por assim dizer, para ser feita uma com Ele na sua vida resurrecta. E, como aconteceu com Eva, foi-nos dado o Seu Nome. Falando dos membros do Corpo de Cristo, o apóstolo diz:

“Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros... assim é Cristo também” (I Coríntios 12:12).

Relembremos que a “nova criação”, o “novo homem”, é a contrapartida do Adão de Génesis 5:2. Cristo não foi criado como Adão foi, porque lemos em I Coríntios 14:45,47:

“Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão, em espírito vivificante ... O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do Céu.”

O SEU INÍCIO NA HISTÓRIA

Quando o falhanço total tanto de judeus como gentios se tornou evidente, Deus encerrou a ambos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia (Romanos 11:32):

“E, pela cruz, reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades” (Efésios 2:16).

Assim, a nova criação, o corpo de Cristo, teve um começo definido na história humana. Historicamente, teve início com a queda de Israel e com a dispensação da graça de Deus através de Paulo.

As “coisas velhas” que “passaram” nessa altura (II Coríntios 5:17) eram as condições e requisitos da Velha Aliança. Tão completamente “passaram” estas “velhas coisas” da “Velha Aliança”, que Deus toma o requisito mais básico de todos, a circuncisão, e diz sobre ela:

“Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura” (Gálatas 6:15).

Deus não diz mais: “SE diligentemente ouvirdes a Minha voz... ENTÃO sereis a minha propriedade...” (Êxodo 19:5). “Tudo se fez novo” (versículo 17) e nesta nova ordem “tudo provém de Deus^[1], que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo” (versículo 18). Conosco não há o condicional “se”. A nós, como membros do “Corpo de Cristo”, é garantido que somos o tesouro do coração de Deus porque fomos feitos um com Cristo, o Seu filho amado (Efésios 1:6). Logo que cremos, é-nos dada a posição de filhos adultos (Gálatas 4:1-7; Efésios 1:5-6) baseada na graça e não na lei (Romanos 6:14; Gálatas 3:23-25, 4:6-7). Esta é uma verdade que a figura do novo nascimento não transmite.

A SUA ORIGEM NOS PROPÓSITOS DE DEUS

Embora a nova criação tenha começado na história humana com a queda de Israel e com a dispensação da graça de Deus através de Paulo, ela foi planeada por Deus muito antes disso.

Como vimos, a doutrina do novo nascimento contempla apenas um novo começo. A doutrina da nossa ressurreição com Cristo vai mais longe incluindo tanto o estado passado não regenerado do indivíduo como a nova vida que recebe quando crê, visto que ressurreição pressupõe uma vida anterior e morte. Mas a doutrina da nova criação com Cristo vai ainda mais longe do que o nosso passado não regenerado, mais longe do que a criação de Adão, mais longe do que a criação do velho universo arruinado pela pecado, até ao propósito eterno de Deus.

Foi na eternidade passada que Deus decidiu que quando o pecado dos filhos de Adão tivesse atingido o seu auge, quando Israel se tivesse juntado aos gentios em rebelião e ambos se colocassem “contra o Senhor e contra o Seu Ungido”, Ele formaria uma nova criação de judeus e gentios reconciliados, unidos entre si e com Cristo, o Segundo Homem, o Último Adão. É claramente ensinado nas epístolas de Paulo que este era o Seu propósito eterno, como veremos adiante.

A NOVA CRIAÇÃO E A CONDUTA CRISTÃ

O propósito eterno de Deus na nova criação era, entre outras coisas, que os pecadores, criados à imagem do Adão caído, possam ser conforme à imagem de Cristo, o impecável Filho de Deus; para que eles pudessem produzir boas obras em vez de más e viver para a glória da Sua graça. A concretização deste propósito será consumado, é claro, depois de esta vida terminar, mas é evidente destas passagens que abordam esse assunto que Deus quer que entremos na alegria e poder da nossa união com Cristo agora pela fé. Isso pode ser visto nas seguintes passagens:

“Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de Seu Filho...” (Romanos 8:29).

“Como também nos elegeu nEle antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dEle em amor^[ii], e nos predestinou para filhos de adopção por Jesus Cristo, para Si mesmo, segundo o beneplácito de Sua vontade (Efésios 1:4-5).

“Porque somos feitura Sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Efésios 2:10).

“Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a Igreja e a Si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a Si Mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efésios 5:25-27).

“Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso sentido, e vos revistais do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4:22-24).

“Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem dAquele que o criou; onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos” (Colossenses 3:9-11).

Talvez o leitor já tenha reparado que os crentes “vestiram” o novo homem e são exortados a afastarem-se do mal à luz deste facto. Deus quer que vistamos o novo homem experimentalmente, à luz do facto de que posicionalmente já o vestimos pela fé em Cristo. Note-se que na última passagem citada, a nossa posição no corpo é inquestionável, porque lemos: “onde não há grego nem judeu”.

A NOVA CRIAÇÃO E O ESPÍRITO SANTO

Quão útil deveria ser o conhecimento destas coisas na vida daqueles que desejam verdadeiramente viver para agradar a Deus! Pensar que fomos escolhidos em Cristo antes da fundação do mundo! Pensar que Deus nos aceita inteiramente no Seu Filho amado! Pensar que Ele já nos uniu eternamente com Cristo! Pensar que a nossa unidade com Cristo nos fez também um uns com os outros! Pensar que Deus nos deu um lugar à Sua mão direita em Cristo, uma posição que podemos ocupar agora pela fé! Pensar que ele lida connosco como sendo filhos adultos, na base da graça e não da lei! Pensar que Ele nos abençoou com todas as bênçãos espirituais em Cristo, das quais nos podemos apropriar agora pela fé! O que poderia ser maior incentivo para “andarmos dignos da vocação com que fomos chamados” do que o conhecimento destas coisas?

Não se pretende aqui dizer que o mero conhecimento intelectual destes factos nos proporcionará maior ajuda para viver vidas verdadeiramente espirituais do que o mero conhecimento intelectual nos pode salvar. Tem de ser um conhecimento baseado na fé na Palavra de Deus, trabalhada pelo Espírito, que escreveu a palavra.

Para começar, não devemos esquecer que o Corpo de Cristo, a nova criação, é formada por judeus e gentios pela obra do Espírito:

“Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos” (I Coríntios 12:13).

Além disso, podemos compreender e desfrutar das gloriosas verdades da nossa posição em Cristo apenas pela fé, quando o Espírito abre os nossos olhos para compreender as Escrituras. É por isso que o apóstolo ora fervorosamente:

“Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em Seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da Sua vocação e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos e qual a sobreexcelente grandeza do Seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do Seu poder” (Efésios 1:17-19).

Certamente que o apóstolo fala aqui de saber estas coisas experimentalmente, não apenas intelectualmente. Deste modo, devemos olhar sempre para Deus como Quem pode tornar estas verdades reais para nós através do Seu Espírito, para que o conhecimento da fé possa tornar-se no conhecimento de bendita experiência.

(por Cornelius R. Stam)

[i] Na sua essência, “todas as coisas” necessárias para a salvação sempre foram “de Deus”, mas isso ainda não havia sido revelado. Sob a Velha Aliança e até Paulo, o homem sempre foi instruído a fazer algo para achar o favor de Deus. Agora, Deus diz que Ele mesmo realizou tudo o que é necessário e oferece a salvação “àquele que não pratica, mas crê” (Romanos 4:5).

[ii] A expressão “em amor” pertence, muito provavelmente, ao versículo seguinte. Não existe pontuação no original que determine isso.

A Pregação da Cruz

O artigo “O ensino da Cruz” teve o seu início no mar, servindo-nos da embarcação do apóstolo Pedro; mas agora é de extrema importância abandonar este barco. Enquanto caminhamos pelo livro de Actos, o nosso guia será o apóstolo Paulo. Ele irá guiar-nos através da obra consumada de Cristo na Cruz, um território desconhecido antes da revelação do apóstolo Paulo. À medida que caminhamos, vamos conhecer que o apóstolo Paulo foi o primeiro a revelar-nos a importância e o significado da morte de Cristo. Ele proclamou a Cruz de Cristo como boas novas! Perante esta mensagem só existem duas possíveis reacções; ser recebida com louvor e de bom grado, ou rejeitada como um mero disparate!

A PREGAÇÃO DA CRUZ

“Porque a palavra da Cruz é loucura para os que perecem; mas, para nós, que somos salvos, é o poder de Deus” (I Cor. 1:18).

Algumas versões traduzem “pregação” em lugar de “palavra”. O termo “pregação” não é uma expressão típica usada pelo apóstolo Paulo quando se refere à proclamação da Cruz de Cristo. Por exemplo, em II Timóteo 4:2, Paulo instrui-nos a que cada um de nós “Pregue a Palavra”. Neste versículo Paulo utiliza a palavra grega *kerusso*, que significa “arauto”. Refere-se ao que anuncia claramente e de voz alta a entrada do Rei. Da mesma forma, é nosso dever apresentar o evangelho da salvação de uma forma clara. É interessante que em I Coríntios 1:18, Paulo emprega o termo Logos - a Palavra. Então, a Palavra da Cruz, é o poder de Deus para salvação. O objectivo do apóstolo Paulo é fazer o contraste entre a Palavra da Cruz e a palavra do homem.

Para o homem natural, a Cruz é uma mera loucura. Claro, é absurdo pensar que Deus tomaria a forma humana, seria crucificado e ressurgiria para redimir a humanidade! Para o homem natural isto está para além do que é racional. Perante isto, Paulo desafia o mundo tentar igualar a sua sabedoria e o seu conhecimento com a sabedoria e o conhecimento de Deus.

“Onde está o sábio [inteligente]? Onde está o escriba [doutor da lei]? Onde está o inquiridor [orador] deste século? Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?” (I Coríntios 1:20).

O apóstolo Paulo convoca o mundo para responder às velhas questões, como: De onde veio o homem? Como pode o homem tornar-se justo perante Deus? Qual é o propósito desta vida? Qual é o fim do homem e o que vem depois da morte? O homem natural que tenta responder a todas estas questões excluindo Deus é semelhante a um homem cego, procurando num quarto escuro um gato preto que não existe. A filosofia do mundo pode ser apresentada da seguinte forma:

1. Origem: Num passado imemorial, do nada surgiu algo, do qual acabou por surgir vida. Durante cerca de 5 milhões de anos, este algo, chamado ameba, evolui até chegar a uma forma complexa de milhões de células que veio a tornar-se no homem moderno.
2. Justificação: Se as minhas boas acções igualarem ou superarem as minhas más acções, Deus vai aceitar-me no Céu quando eu morrer.
3. Propósito: De um lado da moeda, a filosofia epicurista é: “Come, bebe, e sê feliz, porque amanhã morrerás.” No fim de contas, devemos experimentar tudo o que o mundo tem para dar. Mas do outro lado da moeda, o estóico diz que nos devemos privar dos prazeres mundanos para encontrar satisfação completa nesta vida.
4. Destino Eterno: A maioria dos descrentes negam que haja vida para além da morte. Nas palavras de Carl Sagan, um famoso astrónomo, “A morte é o fim!”

De acordo com a Palavra de Deus, no princípio Deus criou o homem à Sua imagem (Génesis 1:26; 2:7). John Milton um dia disse: “A grandeza e o carácter sagrado da alma do homem é certificada por dois factos: primeiro, a criação da sua alma à imagem do eterno Deus; e segundo, o preço necessário

que teve de ser pago para a redimir.” Nos dias de hoje, o homem é justificado pela graça por meio da fé na obra redentora de Cristo, e nunca pelas obras que o homem possa fazer (Romanos 3:24; I Coríntios 15:1-4). Após a conversão, o fim principal do homem é glorificar a Deus, com quem vai passar a eternidade nos céus (Apocalipse 4:11; Colossenses 1:5).

Através do conhecimento humano, o homem nunca poderá conhecer a Deus! Assim, “aprove a Deus salvar os crentes, pela loucura da pregação” (I Coríntios 1:21). A expressão “loucura da pregação” é a lógica do céptico: para eles, nada mais do que loucura. Mas a pregação da Cruz é, para aqueles que estão salvos, uma demonstração do poder de Deus. Convince-nos dos nossos pecados e traz-nos a salvação. O poder de Deus transformou as nossas vidas!

REDEÇÃO SEM LIMITES

“Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador. Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade: Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem. O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo” (I Timóteo 2:3-6).

A pregação da Cruz ensina-nos claramente que Cristo morreu por cada um de nós. A expressão “que quer que todos” na passagem anterior tem o sentido de que Deus “deseja” que todo o homem seja salvo. Nestes versículos podemos constatar a interligação entra a soberania de Deus e a responsabilidade do homem. Deus, na Sua soberania, declara o homem culpado do seu pecado através da Sua Palavra, mas é importante notar que Deus nunca vai infringir a vontade do homem. O homem é responsável por crer nas boas novas de que Cristo Jesus morreu pelos seus pecados.

Paulo acrescenta “Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem.” Um mediador é alguém que serve de intermediário, que promove o acordo entre partes em conflito e que tecnicamente representa os dois lados. Que melhor representante pode haver entre a divindade e o homem do que a pessoa de Jesus Cristo? Ele é perfeitamente adequado para a obra da redenção, pelo simples facto de ser Deus manifestado em carne. Cristo é o único e perfeito Redentor!

Quando Cristo veio a este mundo, Ele deu-Se a Si mesmo em resgate de muitos. Nos tempos bíblicos, “resgate” era o preço a pagar pela libertação de um escravo. Da mesma forma, Cristo compareceu no mercado dos escravos do pecado para nos redimir e resgatar de volta para Deus. Esta salvação é de graça, mas teve um custo muito elevado. O resgate requerido por Deus era sangue, o precioso sangue de Seu amado e unigénito Filho, Jesus Cristo. Segundo o evangelho da graça, revelado pelo apóstolo Paulo, o alcance desta redenção é ilimitada. Cristo deu-se a Si mesmo “para” (do grego *huper*, que significa “em lugar de” resgate por todo o homem. A provisão foi realizada para cada um de nós, o qual é nos confirmado em II Coríntios 5:14: “que, se um morreu por todos, logo todos morreram.”

Certamente que o nosso leitor acreditará que todo o homem está morto em ofensas e pecados quando nasce neste mundo (Efésios 2:1-3). Se concorda com isto, da mesma forma estará de acordo que Cristo morreu por muitos porque este é o raciocínio da passagem.

De acordo com I Timóteo 2:6-7 todas estas coisas servem “de testemunho a seu tempo” através do apostolado de Paulo. Tal como ele diz, “fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios.” Podemos ver nestes versículos que foi dado a Paulo tornar claro o significado do Calvário. Ele foi o primeiro a revelar que Cristo era o único mediador entre Deus e os homens, o primeiro a ensinar de que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, o primeiro a dar a conhecer que Cristo morreu por todos, o primeiro a revelar que Cristo é a propiciação para a remissão dos pecados passados (santos do Velho Testamento), através da paciência de Deus. Não reconhecer esta verdade é assumir como revelado algo que ainda não o tinha sido, o que é uma grande injustiça para com a Palavra de Deus.

A IMPORTÂNCIA DO SANGUE DE CRISTO

“O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor; em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a saber, a remissão dos nossos pecados” (Colossenses 1:13-14).

À medida que o apóstolo Paulo nos apresenta a glória dos Céus, compreendemos que a nossa passagem para o reino celestial foi adquirida e paga com o sangue precioso de Cristo. A Palavra de Deus deixa bastante claro que “sem derramamento de sangue não há remissão” (Hebreus 9:22). Queridos leitores, nunca devemos menosprezar o valor do sangue de Cristo derramado para a nossa redenção. Há aqueles gostariam de roubar-nos esta maravilhosa verdade. Os liberais negam-na, os novos evangelistas tentam evitá-la, mas nós que procuramos defender a fé agradecemos a Deus pelo precioso sangue de Cristo. Declaramo-nos culpados de pregar um evangelho de sangue! A Bíblia é um livro de sangue; isso é claro ao longo das páginas do registo sagrado.

No dia 6 de Junho de 1944, vulgarmente conhecido como o Dia D, a maré da Segunda Guerra Mundial virou em favor dos aliados. O general Eisenhower montou uma das mais grandes invasões da história. Enquanto políticos e estratégias militares desempenhavam um papel na vitória na praia da Normândia, os jovens militares que lutavam corajosamente e morriam pela causa foram essencialmente aqueles que derrotaram o inimigo. Temos uma grande dívida de gratidão pelo seu acto de heroísmo. A Segunda Guerra Mundial foi ganha porque muitos daqueles homens pagaram um preço elevado.

Da mesma forma, na guerra de Deus contra o pecado, Ele conquistou o inimigo pelo precioso sangue de Cristo vertido na Cruz. Quando consideramos a vinda de Cristo a este mundo para redimir a humanidade, imediatamente somos confrontados com um problema que aparenta ser insuperável. Como pode o unigénito Filho de Deus ter vindo a este mundo em forma humana mas sem pecado? Sabemos que pais pecadores só podem gerar descendência pecaminosa. A resposta a esta pergunta pode ser encontrada em Hebreus 2:14: “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue,

também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo.”

Aqui está um exemplo clássico da importância de consultar as versões originais, para conseguirmos compreender o sentido original que o Espírito Santo pretendia. Felizmente não precisamos de ser eruditos em hebraico ou grego, porque todo esse trabalho já foi feito para nós por pessoas dotadas nessas línguas. Deus nunca nos abandona sem auxílio!

Quando a Palavra de Deus afirma que “os filhos participam da carne e do sangue,” o termo “participam” é a tradução da palavra grega *koinoneo*, que significa “partilhar em comum ou partilhar na totalidade.” Assim, a raça humana partilha algo (carne e sangue) através do qual passou de homem para homem a natureza pecaminosa. Mas o Espírito Santo de Deus é cuidadoso em estabelecer a distinção entre a raça humana e a identificação humana de Jesus Cristo.

“ELE PARTICIPOU DAS MESMAS COISAS.”

Notemos que é dito que Cristo participou “das mesmas coisas”. A palavra grega aqui é *metecho*, que significa que Cristo “participou das mesmas coisas, mas não na sua totalidade.” Ao ser gerado miraculosamente e nascendo de uma virgem, Cristo tomou a carne humana mas não herdou a natureza pecaminosa do homem. Uma vez que “a vida da carne está no sangue,” podemos supor com segurança que o sangue de Cristo não estava manchado com o pecado. O mesmo não pode ser dito de nós mesmos. A vida da carne está no nosso sangue, apenas no sentido em que o sangue que corre nas nossas veias mantém-nos vivos para o pecado dia após dia. Não é de admirar que o apóstolo Pedro refere-se ao “precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (I Pedro 1:19). O sangue de Cristo é o antídoto para a doença dos nossos pecados.

Embora negado por alguns, nós cremos que Cristo derramou literalmente o Seu sangue na Cruz. Quando o sacerdote em Israel derramava o sangue na base do altar, simbolizava os pés da Cruz de Cristo, onde o sangue do Cordeiro seria derramado (Levítico 4:32-34). O sangue tem um interessante paradoxo: os criminosos tentam livrar-se dele, mas Deus limpa os nossos pecados através dele. A teia carmesim é tecida através das epístolas de Paulo, deixando uma tapeçaria de redenção.

“Mas, Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.” (Romanos 5:8-9)

No presente tempo Deus justifica os pecadores unicamente pelo sangue derramado de Cristo. Neste contexto, a justificação significa ser declarado por Deus justo por toda a eternidade. Justificação é um termo jurídico. Por exemplo, se um prisioneiro for levado perante o tribunal, há uma e uma só forma de ser justificado. Ele tem ser considerado como não culpado do crime. Se for provado que não é culpado, então é um homem justo aos olhos das leis humanas.

Consideremos outro caso. Um homem comete um determinado crime, considerado culpado e condenado à morte. O presidente pode perdoar este homem, mas nunca o pode justificar. Apesar de

este homem ser perdoado, continua a ser um criminoso culpado do seu crime. Não há forma humana possível de o justificar e remover a culpa do seu crime.

Mas maravilha das maravilhas, embora achados culpados diante do tribunal da justiça de Deus, somos justificados pela graça de Deus. A Lei aponta o seu dedo na nossa direcção e diz: tu és pecador, culpado de todas as acusações, e portanto condenado a morrer. “Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus. Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3:19-20). Quando a sentença dos nossos pecados está prestes a ser lida, Jesus Cristo diz ao Pai: “Eu vou pagar a sua culpa e sua punição.” Cristo deu-Se a Si mesmo em resgate por cada um de nós. Ele tomou o nosso lugar!

Deus não ignorou o castigo dos nossos pecados: a morte de Cristo na Cruz pagou-o na sua totalidade. Os nossos pecados e a nossa culpa foram colocados sobre Si e a Sua justiça foi imputada sobre nós. Em Cristo, somos totalmente inocentes diante de Deus, aceites no Amado e livres da ira futura. Esta é a ira de Deus que iríamos experimentar no grande trono branco do julgamento e consequentemente a sentença do lago de fogo. Pelo graça de Deus, estamos agora longe do alcance do justo juízo de Deus. Tal como o apóstolo Paulo declara em Romanos 8:1: “Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito.”

QUE HAJA EM VÓS O MESMO SENTIMENTO

“De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Filipenses 2:5). À medida que o apóstolo Paulo examinava cuidadosamente o carácter de Cristo do ponto de vista do sacrifício “de uma vez por todas, ele escreveu “que haja em vós o mesmo sentimento”. Por outras palavras, o apóstolo exorta-nos para que sejamos compassivos, humildes, generosos, perdoadores, etc. Cristo amou os que não eram amados. Vejamos uma ilustração:

George Whitefield, numa das suas viagens, encontrava-se uma noite numa pousada. Para sua surpresa, no quarto ao lado havia um grupo de homens a jogar. A sua linguagem era terrível. Whitefield e o seu amigo passaram um pouco de tempo em oração e a ler a Palavra de Deus e então ele disse: “Antes de me deitar, eu devo ir à sala ao lado para testemunhar àqueles homens,” e fê-lo. Ele entrou naquele quarto e falou-lhes falou acerca de Deus. Eles ouviram-no, mas pouco tempo depois de ter voltado para o seu quarto, eles voltaram a comportar-se como dantes. O seu amigo perguntou-lhe: “Irmão Whitefield, o que ganhou com isto?” Whitefield respondeu: “Eu ganhei um travesseiro macio. Agora posso dormir descansado.”

George Whitefield tinha um fardo pelas almas perdidas. Ele amava os que não eram amados. Apesar de as suas palavras parecerem ter caído em saco roto, ele podia estar tranquilo naquela noite pois tinha partilhado o evangelho e advertido aqueles homens acerca do julgamento vindouro. Temo que enquanto os crentes estão ocupados em mostrar que têm razão num determinado assunto, deixem as almas perdidas escapar em direcção a uma eternidade sem Deus.

Que possamos aprender isto no Calvário: um coração humilde é aquele que pode ser usado grandemente por Deus. Tal como tem sido dito, “A pessoa humilde não é aquela que não pensa muito de si mesma; ela simplesmente não pensa em si! Humildade é aquela característica que, quando pensas que a tens, perdeste-a!”

(por Paul M. Sadler)

A Importância da Igreja Local

Nos dias de hoje, muitos parecem procurar a Igreja perfeita. Um dia, certo homem foi ter com Charles Spurgeon, dizendo que procurava a Igreja perfeita. Este respondeu-lhe que na sua congregação havia muitos que pareciam santos, mas poderia estar um “Judas” entre eles. Afinal, até Jesus teve um traidor entre os Seus apóstolos. E continuou, dizendo que alguns poderiam estar a andar em desobediência, como foi o caso dos crentes de Roma, Corinto e Galácia. Spurgeon concluiu: “A minha Igreja não é a que procura. Mas se encontrar essa Igreja perfeita, peço-lhe que não se associe a ela, pois certamente a corromperá.”

Antes de chegar à glória, a Igreja local nunca será perfeita, simplesmente porque a desobediência e a carnalidade sempre conviverão com a graça e com o amor. Quando se assiste a um encontro onde lados opostos estão numa discussão acalorada sobre um assunto espinhoso, dá vontade de sair mais cedo para evitar o envolvimento na confusão. Assistir a este tipo de encontros não é para tímidos. Faz-nos lembrar o velho ditado: “Viver no Céu com os santos que amamos, será certamente glorioso. Mas viver na terra com os santos que conhecemos, isso já é outra história.” É interessante que este ditado foca o centro do problema. De facto, é por isso que a igreja local é tão essencial para os planos e propósitos Deus, como veremos.

A IGREJA

“E sujeitou todas as coisas a Seus pés, e sobre todas as coisas O constituiu como Cabeça da Igreja, que é o Seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos” (Efésios 1:22-23).

“À Igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que, em todo o lugar, invocam o nome do nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso” (I Coríntios 1:2).

A palavra “Igreja” ou “assembleia” (do grego “*ecclesia*”) é um termo muito geral que define um grupo de homens e mulheres “chamados para algo”. Pode referir-se a um conjunto de incrédulos como os de Éfeso, sobre os quais lemos em Actos 19:38-41, ou também a um grupo de crentes no Senhor

Jesus Cristo (I Tessalonicenses 1:1). O contexto determinará de que tipo de “Igreja” estamos a falar, sejam os Israelitas no deserto (Actos 7:38) ou a Igreja do Reino (Mateus 16:18). Neste estudo em particular, iremos restringir este conceito à Igreja desta presente dispensação, a Igreja Corpo de Cristo (Colossenses 1:18).

A Igreja, o Corpo de Cristo é uma nova criação formada por Judeus e Gentios que colocaram a sua fé na morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Não interessa que tipo de raça somos, a denominação a que pertencemos, ou o estatuto social que temos; se tivermos confiado em Jesus Cristo como nosso Salvador pessoal, então somos membros deste místico Corpo de Cristo. Esta é a verdadeira Igreja! É importante clarificar que cada membro desta Igreja, que é o Seu Corpo, é verdadeiramente salvo, o que não é necessariamente verdade com os membros de uma Igreja local. A salvação é resultado de um encontro pessoal com Cristo, e não uma consequência de ter o nosso nome na lista de membros de uma assembleia local.

“E na Igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, Cireneu, e Manaén, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a que os tenho chamado. E então, jejuando e orando, e pondo sobre eles as suas mãos, os despediram” (Actos 13:1-3).

No princípio desta presente dispensação, Antioquia (da Síria) tornou-se a sede da Igreja dos Gentios. O que a cidade de Jerusalém era para os santos do reino, assim Antioquia era para os do Corpo de Cristo. Foi desta assembleia local em Antioquia que o Espírito Santo enviou o Apóstolo Paulo nas suas três primeiras viagens missionárias. Claro que foi o Senhor da glória que chamou o Apóstolo Paulo anos antes (Actos 26:16; Gálatas 1:1), mas foi o Espírito Santo que instruiu os santos de Antioquia a enviar Paulo nas suas viagens missionárias, as quais na realidade foram apostólicas na sua natureza. O Apóstolo Paulo foi o primeiro a apresentar o Evangelho da graça de Deus ao mundo conhecido de então.

O ministério apostólico de Paulo tinha três vertentes: Ele evangelizava os perdidos, procurando trazê-los a Cristo, passava a revelação do Mistério aos que recebiam o Evangelho e levava a cabo um ministério contínuo de estabelecimento de Igrejas locais. No final da sua primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé voltaram às cidades de Listra, Icônio e Antioquia da Pisídia onde tinham pregado o Evangelho. É importante notar o porquê do regresso a estas cidades. De acordo com alguns relatos, voltaram a estas com objectivo de designar anciãos para estas mesmas Igrejas que tinham sido anteriormente estabelecidas. Depois de isto ser feito, eles oraram com os santos dessas mesmas igrejas e “os encomendaram ao Senhor, em Quem haviam crido” (Acts 14:21-23). O estabelecimento de Igrejas, pertencente ao ministério de para o qual Paulo foi chamado pelo Espírito Santo, é uma clara indicação para nós de que a Igreja foi ordenada por Deus. É o veículo através do qual Deus dá a conhecer as riquezas da Sua graça. Tudo o que é feito na obra do Senhor é ou deveria ser directa ou indirectamente relacionada com a igreja local.

A igreja local é um grupo (grande ou pequeno) de homens e mulheres crentes em Cristo que se reúne num local específico sob o ministério dos anciãos, os quais providenciam liderança espiritual nas

coisas do Senhor. Nos nossos dias, a superestrutura denominacional que vemos ao nosso redor, com a sua hierarquia e tradições, é apenas um monumento aos caminhos ambiciosos do homem. Embora estas coisas possam apelar à carne, não fazem parte do plano original para o Corpo de Cristo. De acordo com as Escrituras, quando o Apóstolo Paulo estabeleceu igrejas em Tessalónica, Corinto, Éfeso, e Filipos, todas essas assembleias eram independentes e autónomas (Filipenses 1:1). E isto era por boa razão: se uma destas assembleias se afastasse da fé, isso não deveria afectar as outras assembleias, uma vez que não estavam sujeitas a qualquer hierarquia.

Apesar do número de membros nas Igrejas em Corinto e Éfeso ser elevado, muitas das assembleias às quais Paulo ministrava eram relativamente pequenas. Frequentemente nas suas epístolas lemos sobre uma Igreja em casa de uma determinada pessoa. Um bom exemplo é Ninfa: “Saudai aos irmãos que estão em Laodiceia, e Ninfa e à Igreja que está em sua casa” (Colossenses 4:15). Quer o trabalho fosse pequeno ou grande, é interessante notar que cada assembleia que Paulo estabeleceu ou à qual ministrou era naquela altura uma Igreja da dispensação da Graça. Todas elas receberam o ensino de Jesus Cristo de acordo com a revelação do Mistério e inicialmente cada uma delas se empenhou em permanecer no Evangelho revelado ao apóstolo Paulo (Romanos 16:25).

O PROPÓSITO DA IGREJA LOCAL

É essencial que aqueles com posições de responsabilidade na liderança e no ministério da Palavra sigam o exemplo de Paulo no seu ministério. Ele mesmo nos exorta:

“O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei; e o Deus de paz será convosco” (Filipenses 4:9).

O que “aprendemos” nós de Paulo? Se estudarmos cuidadosamente as três viagens missionárias, descobrimos que a proclamação da Palavra de Deus por Paulo tem as bases tanto para o estabelecimento como para o crescimento da Igreja local. Onde quer que Paulo fosse, ele apresentava as Escrituras, e as pessoas recebiam-na de bom agrado e com corações agradecidos. Sobre este assunto, deixamos que a Bíblia fale por si mesma:

Primeira viagem missionária. Antioquia de Pisídia: “E, no sábado seguinte ajuntou-se quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus” (Actos 13:44); Icónio: “Detiveram-se, pois, muito tempo, falando ousadamente acerca do Senhor, o qual dava testemunho à sua palavra da Sua graça, permitindo que, por suas mãos, se fizessem sinais e prodígios” (Actos 14:3); Listra e Derbe: “E ali pregavam o Evangelho” (Actos 14:7).

Segunda viagem missionária. Tessalónica: “E Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles; e, por três sábados, disputou com eles sobre as Escrituras. E expondo e demonstrando que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos. E este Jesus, que vos anuncio, dizia ele, é o Cristo” (Actos 17:2-3); Corinto: “E ficou ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus” (Actos 18:11).

Terceira viagem missionária. Éfeso: “E durou isto por espaço de dois anos; de tal maneira, que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra de Senhor Jesus, assim judeus como gregos” (Actos 19:19); Troas: “E, no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo, que havia de partir o pão, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles; e alargou a prática até à meia-noite” (Actos 20:7).

Nos dias de hoje, a sã pregação da Palavra de Deus foi substituída, em muitas assembleias por reuniões de louvor e por esquemas de marketing, com o objectivo de “construir” uma igreja que todas as pessoas queiram frequentar. Infelizmente algumas Igrejas têm relegado a Palavra de Deus para um plano secundário, preferindo noites musicais, pequenas peças humorísticas, filmes e testemunhos. Este tipo de conceito tem apenas o objectivo de atrair público, com a ideia de “quantos mais, melhor.” Pensam que se oferecerem mais funções sociais e programas inovadores, estarão equipados de forma a ir ao encontro das necessidades da comunidade. É uma meta ambiciosa, mas um conceito errado!

O problema é o seguinte: Se numa cidade uma Igreja anuncia que vai construir um ginásio ou que planeiam ter um culto de adoração contemporânea, com músicos talentosos, provavelmente alguns membros de outras Igrejas de bom agrado responderão a este tipo de anúncio, assistindo, participando ou até mudando para essa Igreja. Não seria a primeira vez que uma assembleia local era abandonada por um punhado de pessoas e deixada com uma grande hipoteca por pagar. Infelizmente, tudo isto é feito em detrimento da Palavra de Deus, a única coisa que vai ao encontro das necessidades das pessoas.

É bem real a tentação para as Igrejas locais seguirem as tendências dos nossos dias, mas será o nosso desejo agradar aos homens ou a Deus? Muitas igrejas locais temem que ao se identificarem com o apóstolo Paulo e ensinar a sua mensagem em toda a sua plenitude poderão chocar e afastar os seus membros.

Há alguns anos, um jovem pastor, antes de me dar a palavra, passou dez minutos a pedir desculpa aos seus ouvintes pelo apostolado de Paulo. Ele sentia que precisamos de lhe dar menos destaque, senão acabaremos por ofender alguns. Certamente a maioria das suas palavras foram ditas com o intuito de me ajudar, mas eles estava a lidar com a pessoa errada. Agradeço a Deus sem cessar por me ter libertado do jugo da tradição e do denominacionalismo e irei dizer a todos os que quiserem ouvir que também eles poderão ser libertados se reconhecerem o evangelho de Paulo.

Amados, Paulo é o porta-voz de Deus para a Igreja de hoje. Portanto, falar com desprezo do apóstolo de Deus é rejeitar o conselho do próprio Deus. As epístolas de Paulo revelam a mente e a vontade de Deus para o Corpo de Cristo nesta dispensação. Devemos pedir desculpas por ensinar esta revelação que nos foi dada através do apóstolo Paulo? Claro que não! Apesar de devermos falar a verdade com amor, por vezes a verdade é ofensiva (Gálatas 5:11, Efésios 4:15). Não ficámos ofendidos quando pela primeira vez nos disseram que éramos pecadores e que merecíamos o inferno? Mas agora estamos agradecidos a Deus por nos terem “ofendido”, porque isso nos fez ver a necessidade da salvação. Devemos ser muito cautelosos para não apagarmos “o escândalo da Cruz de Cristo”, revestindo as nossas palavras com “açúcar” que podem condenar o homem à perdição.

Um dos propósitos da igreja local é providenciar um ambiente onde a Palavra de Deus possa ser recebida com gratidão. A pregação da Palavra deve ser a peça central na nossa adoração ao Deus Todo-Poderoso. A verdadeira adoração começa com Deus a ser glorificado no ensino da Sua Palavra. Em seguida, é realçada com cânticos, hinos, orações e testemunhos pessoais. Para a maior parte das Igrejas de hoje, esta ordem foi invertida, tornando o povo de Deus em “crianças” no conhecimento da Palavra de Deus.

Quando falamos da pregação da Palavra de Deus, não nos estamos a referir a uma mensagem devocional de dez minutos no domingo de manhã, pois pouco proveito isso terá isoladamente! Em vez disso, sempre que nos reunirmos para adorar a Deus, é preferível abrirmos as Escrituras e fazer uma exposição versículo a versículo de um determinado livro, Romanos por exemplo. Acreditamos que esta é a forma mais eficaz e proveitosa de ensinar as Escrituras. É importante recordar, que Paulo argumentou com os seus ouvintes, ensinando-lhes a Palavra da Vida. Seja qual for o formato que utilizemos, ao “pregar a Palavra” o povo de Deus responderá da mesma forma que os de Tessalónica:

“Pelo que, também, damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual, também, opera em vós, os que crestes” (I Tessalonicenses 2:13).

Pelo facto de os santos em Tessalónica terem de bom agrado recebido a Palavra da Sua graça, esta mesma palavra começou a trabalhar no seu interior, alterando a sua forma de vida. Os caminhos e atitudes do mundo que antes eram tão importantes para eles, gradualmente foram substituídos por um forte desejo de “caminhar” de uma forma que honrasse Aquele que os chamou, foram crescendo na graça e tornando-se mais e mais espirituais.

Não admira que o apóstolo diga: “Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros, e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hebreus 10:25). Se o estimado leitor não frequenta regularmente uma igreja local, gostaríamos de o encorajar a fazer isso pelos seguintes motivos: Primeiro, quando participamos numa Igreja local é-nos dada a oportunidade de louvar a Deus com outros de fé igualmente preciosa. Segundo, a Palavra de Deus vai edificando a nossa fé, permitindo que dia após dia fiquemos mais eficientes no trabalho de Deus. Também ajudará a fortalecer a nossa relação com Cristo. Terceiro, os dons e os talentos que Deus nos deu podem ser usados para Sua honra e Seu louvor. Em quarto lugar, por vezes o mundo é um lugar muito desanimador; portanto, o companheirismo e interacção com outros crentes, será um grande incentivo para cada um de nós.

A Igreja local estável é aquela que é “construída e edificada” sobre a Palavra de Deus, onde o povo de Deus sabe de antemão que vai ouvir o ensino da Palavra e que vai desafiar a sua fé. Uma Igreja com estas características é uma Igreja que produz uma atmosfera familiar, e as famílias permanecem unidas. Quando vemos que uma assembleia está fundada na Palavra de Deus, quando vierem as tempestades de adversidade (e podemos estar certos de que elas virão), os membros da assembleia estarão equipados para enfrentar a tempestade, trazendo glória de Deus.

(por Paul M. Sadler)